

O QUE É ISSO QUE SE MOSTRA: O FENÔMENO NA ANÁLISE TEXTUAL
DISCURSIVA?
¿QUÉ ES LO QUE SE MUESTRA: ¿EL FENÓMENO EN EL ANÁLISIS TEXTUAL
DISCURSIVO?
WHAT IS THIS THAT SHOWS ITSELF: THE PHENOMENON IN DISCURSIVE
TEXTUAL ANALYSIS?

GALIAZZI, Maria do Carmo
mcgaliazzi@gmail.com
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
<https://orcid.org/0000-0003-0513-0018>

SOUSA, Robson Simplicio de
robsonsimplicio@hotmail.com
UFPR – Universidade Federal do Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-4637-5014>

RESUMO: Apresentamos uma compreensão sobre o *fenômeno* na Análise Textual Discursiva (ATD), metodologia de análise difundida em pesquisas em Educação. A palavra aparece em todo o livro inaugural de ATD, no qual realizamos um exercício de análise com a própria metodologia. A interrogação perseguida foi *O que é isso que se mostra: o fenômeno na ATD?* Pretendemos ampliar a compreensão da palavra em um movimento descendente do conceito à palavra e também nos movimentarmos em um movimento ascendente da palavra ao conceito. Entendeu-se que não há um *fenômeno* que de início se mostre, mas a maior clareza dele se tem por meio da descrição fenomenológica em direção à interpretação hermenêutica. A imersão nos textos e sua desorganização em busca de *insights* que organizam novos sentidos levam à abstração e à comunicação dos horizontes compreensivos.

Palavras-chave: Análise Textual Discursiva. Descrição. Fenômeno.

RESUMEN: Presentamos una comprensión del *fenómeno* en el análisis textual discursivo (ATD), una metodología de análisis difundida en las investigaciones de educación. La palabra está presente en el libro del ATD, en el que hicimos un análisis utilizando la propia metodología. La pregunta que se buscó fue: *¿Qué es esto que se manifiesta: el fenómeno en el ATD?* Pretendemos la comprensión en un movimiento descendente de un concepto a la palabra y también movernos en un movimiento ascendente de la palabra al concepto. Entendimos que no hay un fenómeno que aparezca al principio, pero su mayor claridad se debe a la descripción fenomenológica hacia la interpretación hermenéutica. La inmersión en los textos y su desorganización en la búsqueda de ideas que organizan nuevos sentidos llevan a la abstracción y comunicación de los horizontes de comprensión.

Palabras clave: Análisis Textual Discursivo. Descripción. Fenómeno.

ABSTRACT: We present an understanding of the phenomenon in Discursive Textual Analysis (DTA), an methodology of analysis diffused in Education researches. The word is present in all DTA inaugural book, in which we did an analysis exercise using the own methodology. The question sought was *What is this that shows itself: the phenomenon in DTA?* We intend to extend the understanding in a downward movement from concept to word and also to move us in an upward movement of the word to the concept. We understood there is not a phenomenon that at first appears, but the greater clarity of it is by de phenomenological description towards the hermeneutic interpretation. The immersion in the texts and its disorganization to the search of insights that organize new senses lead to the abstraction and communication of understanding horizons achieved.

Keywords: Description. Discursive Textual Analysis. Phenomenon.

1 INTRODUÇÃO

A Análise Textual Discursiva - ATD (MORAES; GALIAZZI, 2007; 2016) tem se difundido como metodologia de análise em investigações nos âmbitos da pesquisa qualitativa em Educação no contexto brasileiro¹ (VALENTINE; SOARES; RELA, 2008; PIVETTA; ISAIA, 2014; ROBAYO, 2015; SOUSA; GALIAZZI, 2018; GALIAZZI, 2019). Esta difusão tem ocorrido desde a publicação do texto “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva” (MORAES, 2003), texto também presente na obra analisada que resultou neste artigo.

Temos buscado compreender a ATD nos sentidos atribuídos a diferentes palavras presentes na metodologia: hermenêutica (SOUSA; GALIAZZI, 2016), categoria (SOUSA; GALIAZZI, 2017), compreensão e descrição (SOUSA; GALIAZZI, 2018) e dialética (GALIAZZI; SOUSA, 2019). Foi neste envolvimento que se mostrou à compreensão a palavra *fenômeno*. Não há explicitação discriminada no livro analisado sobre o que seja o fenômeno, como se delineia, como um pesquisador o encontra. O que percebemos em um dos movimentos analíticos da ATD, a unitarização, é que o *fenômeno* é algo a ser pesquisado, estudado, analisado e nisso ele vai se mostrando com maior clareza. Mesmo que no livro fiquem expressos modos de alcançar compreensões ampliadas do fenômeno a partir da unitarização do *corpus*, categorização e produção de metatextos, entendemos que seria importante investigar o que é e como se mostra este fenômeno e como um pesquisador chega a ele ao utilizar a ATD.

¹ Uma busca simples no Google Acadêmico mostra mais de duas mil citações da obra analisada.

Temos por ideia geral neste estudo que, em uma pesquisa fenomenológica, não se tem clareza do fenômeno no início, embora ele esteja presente como intencionalidade. Ele se mostra ao longo do processo de análise, é o movimento que parte do empírico à teorização. Parte-se de uma ideia, de uma intenção a pesquisar e chega-se ao final quando sabemos mais sobre o fenômeno pesquisado. Martins e Bicudo (2006, p. 19) afirmam que o modo como o fenômeno se dá a quem busca compreendê-lo, vai se revelando “em seus modos possíveis de aparecer porque ele não é uma realidade objetiva e dada, podendo apenas mostrar-se em seu sendo”.

Em nossos estudos sobre a ATD (SOUSA; GALIAZZI, 2017; 2018; GALIAZZI; SOUSA, 2019) temos compreendido esta metodologia como modo de lidar com o material empírico que exige do pesquisador ampliação nesta lida, agregando à análise modos mais perceptivos e intuitivos em múltiplos movimentos dialéticos em direção à compreensão. O presente artigo apresenta mais uma categoria emergente deste conjunto de estudos sobre esta metodologia, neste caso, o *fenômeno* na ATD. Neste caminho analítico, primeiro unitarizamos todo o livro de Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016) com o uso do *software* Atlas.ti, conforme Ariza et al. (2015), destacando unidades de significado nas quais estão expressas a palavra *fenômeno*. Temos por indagação a questão fenomenológica proposta por Van Manen (2017) – *What is this experience like?* –, transposta para nossa intenção de pesquisa, o *fenômeno*, portanto perseguimos compreender respostas para a seguinte questão: Como é isso que se mostra: o fenômeno na ATD.

Da unitarização, resultaram cento e quarenta e uma (141) unidades de significado em que a palavra *fenômeno* esteve presente. No código que identifica a unidade, por exemplo, (1:17), o número um (1) significa que é o primeiro documento primário colocado no *software* Atlas.ti para o estudo, neste caso, o livro de ATD (2016). O número que segue o número de identificação do documento primário, neste exemplo, o número dezessete (17) é o número da unidade de significado identificada na obra. Como na versão do livro publicada em 2016, há dois textos incluídos na obra original - *O Despertar de uma Nova Visão* e *Avalanches Reconstitutivas: movimentos dialéticos e hermenêuticos de transformação no envolvimento com a Análise Textual Discursiva* -, as unidades de significado de cada um desses dois documentos aparecem neste texto com numeração (3:xx) e (5:xx), respectivamente. Do conjunto

de unidades de significado, indicamos e trazemos somente parte desse conjunto em razão do tamanho do texto. Isso foi feito de dois modos, parafraseando-as ou citando-as literalmente.

A análise seguiu dois movimentos analíticos. O movimento descendente, do conceito à palavra, em que pretendemos entender mais os significados daquela palavra apreendidos no texto todo. O movimento descendente não está descrito objetivamente, mas se mostra na leitura do texto em seu conjunto. A partir do todo é possível compreender mais os sentidos atribuídos a uma palavra dita em uma trama erigida entre ela e a realidade (RODHEN, 2012). Esse é um movimento analítico de cunho fenomenológico.

No movimento ascendente, da palavra ao conceito, quando buscamos significados atribuídos histórica e teoricamente à palavra em estudo, aproximando-nos, assim, em uma fusão de horizontes, da compreensão do conceito com ampliação de sua compreensão (GADAMER, 2000; RODHEN, 2012). Com relação ao movimento ascendente, Rodhen propõe cinco distintos momentos que compõem a dinâmica da dialética que o constitui, sendo que os três primeiros: nome ou palavra; definição, explanação ou determinação conceitual e imagem, aparência, imagem ilustrativa, exemplo ou figura correspondem a uma hermenêutica metodológica. O quarto momento, o saber, a inteligência e a opinião verdadeira e o quinto momento, o objeto, a coisa mesma mostram ecos de uma hermenêutica filosófica (RODHEN, 2012). Este movimento analítico é de cunho hermenêutico.

Mostramos a seguir os dois movimentos analíticos, iniciando pelo movimento descendente que pretende conhecer o sentido no todo, para depois ir em direção a uma compreensão ampliada do sentido da palavra fenômeno com ampliação dos interlocutores encontrados que contribuíram para a fusão de horizontes.

2 DA PALAVRA NO TEXTO DE ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: O FENÔMENO MOSTRANDO-SE

Ao fazer o movimento descendente de compreensão da palavra no texto, como dito, unitarizamos todo o livro, estabelecendo unidades de significado em que a palavra *fenômeno* está presente. O movimento analítico seguiu com a categorização

destas unidades, do que surgiu uma rede de categorias que mostram o movimento fenomenológico-hermenêutico da ATD sobre a indagação: *o que é isso que se mostra, o fenômeno na ATD?* A primeira categoria é a da desorganização, da explosão de ideias, da tempestade de luz. A segunda categoria é a de um processo de reorganização que se dá pelos sentidos produzindo de quebra-cabeças a mosaicos ao escrever e reescrever em mergulhos discursivos para o ressurgir da Fênix. A terceira categoria é a da comunicação em que o escrever recursivo permite chegar a uma escrita dada como final, mas sempre podendo ser reelaborada em avalanches reconstrutivas.²

Na desorganização, um primeiro sentido sobre o *fenômeno* é o de não estar dado de início. É a pergunta inicial de análise (MORAES, 2002) que vai orientar o pesquisador a percebê-lo. Essa pergunta não é imutável, uma vez que ela se apresenta como uma compreensão inicial acerca do que vamos encontrar e, portanto, pode ser reformulada. Podemos tratá-la como a intenção do pesquisador que obviamente pode ser desviada ao longo do caminho analítico. Isso porque para Cerbone (2013, p. 15) “A tradição fenomenológica concebeu a intencionalidade como sendo o traço definidor, e mesmo exclusivo da experiência, e, portanto, a fenomenologia pode ser caracterizada como o estudo da intencionalidade”. Para este autor, ao descrevermos nossa experiência, podemos delinear as “estruturas essenciais” ou suas “condições de possibilidade” da experiência ou da intencionalidade (CERBONE, 2013). Nesta expectativa para encontrar o *fenômeno*, a intuição é uma de suas essências. É a sua natureza que vai indicar o caminho para encontrá-lo (1:13). O que se busca neste encontro é intuir sua essência para poder compreendê-lo como um todo:

O primeiro movimento do ciclo de análise consiste numa desconstrução de um conjunto de textos, as informações de pesquisa submetidas à análise. Essa desconstrução consiste na fragmentação das informações, desestruturando sua ordem, produzindo um conjunto desordenado e caótico de elementos unitários. Corresponde a mover o sistema para o limite do caos, espaço de criação original e de auto-organização (1:50) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 42).

² A síntese das categorias foi elaborada a partir das metáforas usadas ao longo do livro de ATD.

O *fenômeno* se mostra em intuições profundas e criativas (1:83), *flashes* fugazes de luz (1:21), *insights* que se apresentam a partir de uma intensa impregnação nos textos e que possibilitam levá-los da percepção à consciência (5:4) em uma percepção intuitiva do que está sendo investigado (1:69). Podemos, portanto, tratar a intuição no sentido Husserliano, entendendo-a como o preenchimento da intenção (GILES, 1975). A validade dos sentidos é de natureza psicológica derivada do que está sendo investigado (1:75):

Novas compreensões são atingidas na ATD somente com intenso envolvimento, muita imaginação e criatividade, aproveitando a intuição e os instintos pessoais. É desafio permanente produzir e perceber o novo, processo auto-organizado e emergente a partir de intensa impregnação nos fenômenos investigados (3:11) (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 247)

Na obra em análise, intuição e *insights* parecem ser usados como sinônimos de algo que o pesquisador se dá conta e que não era sabido antes. Heidegger, no entanto, em sua abordagem fenomenológica como método, abandona a ideia de intuição e propõe os insights como expressão do trabalho investigativo sobre a palavra (GILES, 1976).

Um segundo sentido descrito na obra é o de que se fala em *fenômeno* na ATD a partir da Fenomenologia que se caracteriza por sua abertura a numerosas atitudes e diferentes possibilidades de sua percepção.

Entendendo-se a realidade como complexa em sua natureza, e tendo-se em vista seu caráter dinâmico e de permanente movimento, sua descrição, interpretação e compreensão não se esgotam. Por isso afirmamos, assumindo uma perspectiva fenomenológica, que as análises sempre podem atingir novas camadas de significado dos *fenômenos* que focalizam. As compreensões mais profundas exigem retornos às produções iniciais para seu refinamento e clarificação. Ainda que intuições criativas sejam imediatas, sua explicitação e comunicação com clareza exigem muito esforço e investimento. No mesmo movimento se aprende e se comunica (1:6) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 106)

Não existe um mundo, mas muitos mundos de acordo com atitudes ou pontos de vistas dos sujeitos e ainda que o fenomenólogo procure a essência dos *fenômenos*, essa essência nunca será definitiva. A Fenomenologia é a filosofia e, ao mesmo tempo, a metodologia de análise, assim há uma escolha feita pelo pesquisador, um caminho a seguir, uma análise fenomenológica: “A Fenomenologia é ao mesmo tempo uma filosofia e um método de chegar à compreensão dos fenômenos, à descrição



daquilo que se manifesta em si mesmo à consciência, que se dá, que se torna visível” (5:4) (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 22)

A Fenomenologia foi decisiva para uma mudança de olhar sobre a pesquisa de Moraes (1991). Entretanto, a ATD se move em direção à hermenêutica conforme tratado em Sousa e Galiazzi (2016). Isto é corroborado pela US abaixo:

O processo da análise textual discursiva tem fundamentos na fenomenologia e na hermenêutica. Valoriza os sujeitos em seus modos de expressão dos fenômenos. Centra sua procura em redes coletivas de significados construídos subjetivamente e que o pesquisador se desafia a compreender, descrever e interpretar. São processos hermenêuticos (1:17) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 169)

Um terceiro sentido é o de que é preciso impregnação aprofundada (1:39), (1:50), (1:54), (1:64), imersão nos textos para perceber o fenômeno. Mergulhar na intensidade dos textos para perceber o fenômeno e poder compreendê-lo. Este é um processo auto-organizado (3:5, 3:6, 3:15, 3:16). É dele que vai ocorrer a emergência de novas compreensões:

Operar entre caos e ordem é mergulhar na intensidade dos *fenômenos*, explorando sua profundidade pelo envolvimento e participação intensa. Implica atingir a não-linearidade dos fenômenos, o caótico criativo e a dimensão incontrolável da inovação surpreendente. Atingir a profundidade e a intensidade dos *fenômenos* exige participação intensa do pesquisador em sua subjetividade e individualidade, processo de criação e imaginação em que a autoria não é uma opção, mas uma exigência (3:6) (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 244)

Estes três sentidos parecem se aproximar de um caminho sem organizações pré-estabelecidas. Impregnação, mergulho, intuição para perceber o *fenômeno* que se mostra. Surge a ideia de uma desorganização sem ordem. Produção de sentidos para o fenômeno se mostrar.

Desta desorganização, o caminho é o de organizar e a ATD avança por um caminho em direção à compreensão, à ampliação do que o pesquisador sabe em um aprofundamento compreensivo na complexidade do *fenômeno*. Esta é a segunda categoria: a da reorganização para compreender. Tratamos disso anteriormente, quando abordamos a importância da descrição densa para compreensão do *fenômeno* em análise:

A considerarmos os múltiplos sentidos que se pode atribuir às palavras, frases, proposições e sentenças, é na descrição densa que o pesquisador pode perceber esta complexidade de sentidos que o leva ao movimento



dialético de expressar o fenômeno enquadrado em uma teoria ou, de outro modo, a teorizar a partir da empiria estando aberto assim a encontrar teorias não esperadas, sendo esta condição expressa pela ideia de auto-organização (SOUSA; GALIAZZI, 2017, p. 535).

Existe, assim, um movimento de organização das informações que vai exigir aprofundamento na compreensão, produção de argumentos do pesquisador sobre o *fenômeno* em estudo, que vai levar à teorização e reconstrução do sabido (1:48). Percebemos a importância neste movimento do escrever e reescrever para ampliar a compreensão (MARQUES 1997). Esta síntese se mostra na obra analisada:

Chegar a um conjunto de categorias por meio da intuição exige integrar-se num processo de auto-organização em que, a partir de um conjunto complexo de elementos de partida, emerge uma nova ordem. O processo intuitivo pretende superar a racionalidade linear que está implícita tanto no método dedutivo quanto no indutivo. Pretende que as categorias tenham sentido a partir do *fenômeno* focalizado como um todo. As categorias produzidas por intuição originam-se a partir de inspirações repentinas, “*insights*” que se apresentam ao pesquisador a partir de uma intensa impregnação nos dados relacionados aos *fenômenos*. Representam aprendizagens auto-organizadas que são possibilitadas ao pesquisador a partir de seu envolvimento intenso com o *fenômeno* que investiga (1:30) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 24)

Estas novas compreensões precisam, portanto, ser comunicadas. Escreve-se para comunicar. O comunicar pelo escrever exige buscar novas compreensões, em uma tessitura hermenêutica que vai resultar numa reconstrução criativa da compreensão do fenômeno. Deste movimento, sobressai um novo momento: a expressão do compreendido, mesmo que sempre inacabado.

O “corpus” da análise textual, sua matéria-prima, é constituído essencialmente de produções textuais. Os textos são entendidos como produções lingüísticas, referentes a determinado fenômeno e originadas em um determinado tempo e contexto. São vistos como produções que expressam discursos sobre diferentes *fenômenos* e que podem ser lidos, descritos e interpretados, correspondendo a uma multiplicidade de sentidos que a partir deles podem ser construídos. Os documentos textuais da análise constituem significantes a partir dos quais são construídos significados relativos aos *fenômenos* investigados (1:23) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 16).

Assim, na terceira categoria desta análise, o *fenômeno* se mostra por sua comunicação, um *fenômeno* que por uma abordagem fenomenológica-hermenêutica pautada no desorganizar, organizar e escrever produz uma escrita de novas compreensões. Como se mostra a seguir:



a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma seqüência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do "corpus", a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. Esse processo em seu todo é comparado a uma tempestade de luz. Consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se "*flashes*" fugazes de raios de luz sobre os *fenômenos* investigados, que, por meio de um esforço de comunicação intenso, possibilitam expressar novas compreensões atingidas ao longo da análise. Nesse processo a escrita desempenha duas funções complementares: de participação na produção das novas compreensões e de sua comunicação cada vez mais válida e consistente (1:21) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 12-13)

Em síntese, o movimento descendente de pesquisa em busca da compreensão da palavra *fenômeno* no texto de ATD mostra que, para que se favoreça o processo analítico, é preciso que a análise inicie com a desorganização dos textos em unidades de significado, que reorganizadas mostram uma estrutura. Essa estrutura, após ser teorizada, precisa ser comunicada. O *fenômeno* se mostra em movimentos recursivos de escrita em que os interlocutores teóricos ampliarão a compreensão do fenômeno.

Até aqui, mostrou-se como o *fenômeno* é percebido nos movimentos analíticos da ATD. Parece-nos necessário agregar à ATD, entretanto, os sentidos atribuídos à palavra na linguagem, especialmente com outros interlocutores em movimento ascendente de cunho hermenêutico.

3 DA PALAVRA AO CONCEITO: O MOVIMENTO ASCENDENTE EM DIREÇÃO AO FENÔMENO

Na busca de avançarmos na compreensão do conceito e, com isso, alcançarmos a ampliação de sentidos do *fenômeno* na ATD, apresentamos o movimento da palavra ao conceito, movimento ascendente de compreensão. Exploraremos o movimento ascendente em seus cinco momentos interligados: nome, definição, imagem, o conhecimento e, o quinto momento, a coisa mesma (ROHDEN, 2012).

O primeiro momento de análise seguindo o movimento ascendente é o nome, neste caso, a palavra *fenômeno*. A partir dos significados atribuídos ao nome e seus

assemelhados na linguagem, como fenomênico³, fenomenismo⁴, fenomenologia, fenomenológico, que sentidos são atribuídos à palavra *fenômeno*? A definição, segundo o movimento ascendente proposto, é composta de nomes e verbos e, partindo inicialmente do nome, vamos em direção à definição nos dicionários de uso comum da língua portuguesa.

Segundo Houaiss (2009), *fenômeno* é tudo que se observa na natureza. Um sentido mais restrito é o que atribui à palavra fenômeno o sentido de que é tudo que pode ser descrito e explicado cientificamente. Bem diferente é o sentido dicionarizado advindo da Filosofia de que *fenômeno* é a apreensão ilusória de um objeto reconhecida apenas pelos nossos sentidos. A fatos e acontecimentos raros e surpreendentes também chamamos de fenômenos que nos maravilham.

Se estes são os significados registrados nos dicionários de uso comum da língua, na definição, segundo momento do movimento ascendente, seguimos em direção ao conceito buscando significados em dicionários de Filosofia. Até o século XVIII a palavra significou o mesmo que aparência, mas que se contrapunha à realidade. Esse significado está em Bacon, Descartes, Hobbes e Wolff. A partir daí, a aparência passou a ser uma manifestação da realidade para o intelecto do ser humano e começou a designar o objeto de conhecimento que aparece em condições particulares. O *fenômeno* não é o objeto, pois o objeto se mostra na relação cognitiva com quem tem a intenção de conhecer. O *fenômeno* é a coisa aparente nestas condições e assim aponta para a limitação do conhecimento humano. Este significado já está em Kant quando diferencia *fenômeno* de *númeno*. O *fenômeno* está sempre na relação entre o objeto e o sujeito que pretende conhecê-lo. Se isso não for considerado, para Kant, surge a ilusão (ABBAGNANO, 2018).

Com Husserl, no entanto, o fenômeno passou a significar tanto o que aparece a quem pretende conhecer o objeto quanto a coisa que se manifesta em si mesma, mas isso sendo possível pela investigação fenomenológica, alcançando a revelação

³ A palavra fenomênico não aparece no livro de Análise Textual Discursiva e é um adjetivo de tudo que se refere ao fenômeno.

⁴ Fenomenismo é uma doutrina que limita o campo de conhecimento possível aos fenômenos, imagem dos objetos tal como aparecem ao sujeito, em que as coisas-em-si não podem ser conhecidas sem o ser humano. Outro sentido é o advindo do empirismo em que fenômeno é tudo aquilo que se oferece à percepção humana, sobressaindo os sentidos humanos e a tudo que pode ser observável (HOUAISS, 2009, p. 886). Fenomenismo é a filosofia do Iluminismo (ABBAGNANO, 2018, p. 510).



da essência da coisa em si. É Heidegger quem vai distinguir *fenômeno* da aparência. *Fenômeno* é a manifestação da coisa. O *fenômeno* é identificado com seu ser. (ABBAGNANO, 2018).

Pode-se atribuir três significados para *fenômeno* na Filosofia. O primeiro como aparência ou fato puro e simples, podendo ser considerada a manifestação da realidade ou não. O segundo significado é o de *fenômeno* estar associado ao objeto de conhecimento delimitado pela relação com o sujeito que busca conhecer o objeto e o terceiro significado a revelação do objeto em si. O *fenômeno* é simplesmente aquilo que se oferece à percepção do pesquisador e a fenomenologia se apresenta como um estudo descritivo dos fatos como percebidos pelo pesquisador e do conhecimento oriundo desta descrição (GILES, 1975).

Heidegger, em *Ser e Tempo* (2015), apresenta um denso estudo sobre *fenômeno* a partir do significado em grego cujo verbo significa mostrar-se, tornar-se claro, visível em si mesmo, aquilo que se manifesta. A isso os gregos chamavam de *entes*. Também em grego, a palavra *fenômeno* é parecer aquilo que não é, a aparência. Deste último significado, Heidegger se afasta, assumindo o sentido positivo da palavra e conceitua *fenômeno* como aquilo que se mostra em si mesmo.

Na ATD, o *fenômeno* é o que vai se mostrar na análise e que vai se mostrar a iniciar pela descrição. Como afirma Bicudo (2000, p. 81), “a descrição assume a forma de um texto à espera de interpretação. Não de uma interpretação entendida como técnica de tradução de signos, nem como exegese, mas como fenomenologia/hermenêutica”. A descrição é o discurso que conduz pelas marcas à coisa. Conduz à singularidade da coisa que a distingue das outras, focando, então, no objeto mais do que em quem descreve. A descrição se diferencia da definição, pois enquanto a definição é universal, a descrição é singular, o que distingue a coisa de outra. Nos dois significados, no entanto, parece-nos que a descrição torna possível alcançar a coisa, embora esteja dito que é pelas marcas do discurso que se chega à coisa, mas não necessariamente ao que ela é (GADAMER, 2000; ROHDEN, 2012). Fazendo referência à ATD, assemelha-se a compreensão de que pela análise se chega à coisa, ao *fenômeno*, mas este é impossível de ser definido, no entanto, pode ser descrito. É interessante a diferenciação entre fenomênico e fenomenológico, como

aponta Abbagnano (2018). O adjetivo fenomênico qualifica o objeto, enquanto o fenomenológico qualifica a busca que possibilita sua manifestação.

Considerando o terceiro movimento, a imagem, em que se criam exemplos e se mostram usos da palavra *fenômeno*, apresentamos um quadro resultante de uma busca realizada no Google Acadêmico com a sigla ATD e a palavra *fenômeno* em artigos de pesquisas publicados no ano de 2019⁵.

Foram desconsiderados artigos de autores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pois há disciplinas específicas de ATD nestes cursos; o que pode resultar em uma concentração da aplicação nestes cursos da metodologia de análise. Foram encontrados sessenta e oito resultados de pesquisas publicadas em revistas acadêmicas em diferentes programas de pós-graduação, conforme é possível observar no Quadro 1.

Destacamos que a presença da sigla e da palavra *fenômeno*, na síntese apresentada no Quadro 1, mostra que o *fenômeno* está de tal forma presente na ATD que aqueles autores ao publicam sobre ATD experienciam esta metodologia e não duvidam desta presença (MARTINS e BICUDO, 2006).

Quadro 1 – Artigos sobre pesquisas realizadas com a metodologia de análise Análise Textual Discursiva (ATD) em que aparece a palavra fenômeno publicados em 2019.

ARTIGO	ASSOCIAÇÃO ENTRE ATD E FENÔMENO
HULLER, L. S.; ARAÚJO, M. C. P.. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DE BIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO. <i>Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta-RS</i> , v. 6, n. 1, p. 203-211, 2019.	[...] afirma que a ATD possibilita “aprofundar a compreensão dos fenômenos [...].
MONTEIRO, A. C. G.; HEINZLE, M. R. S. Constituintes e desafios da profissionalização de docentes de língua inglesa para a infância. <i>Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação</i> , v. 14, n. 2, p. 586-600, 2019.	[...] <i>fenômeno</i> e não as generalizações advindas da estatística, entendimento de como os sujeitos se [...] Análise Textual Discursiva (ATD) [...].
FERREIRA, M. V.; MUENCHEN, C.; AULER, D. Desafios e Potencialidades em Intervenções	[...] os <i>fenômenos</i> sociais [...] e [...] foram analisados fazendo-se uso da

⁵ A intenção de elaboração deste quadro é, por um lado, quantitativa de mostrar como ao aplicar a ATD os pesquisadores incorporam em seu discurso a palavra *fenômeno* e, por outro, ampliar a compreensão no movimento ascendente proposto produzindo uma imagem destas pesquisas recentes.



Curriculares na Perspectiva da Abordagem Temática. <i>Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)</i> , v. 21, p. 1-22, 2019.	Análise Textual Discursiva (ATD) .
CARVALHO, F. R.; WATANABE, G.. A Construção do Conhecimento Científico Escolar: Hipóteses de Transição Identificadas a partir das Ideias dos Alunos. <i>Educação em Revista</i> , v. 35, n. 1, p. 1-26, 2019.	Análise Textual Discursiva (ATD) e [...] dados estão inseridas na Hipótese de transição C. Essa hipótese utiliza os fenômenos [...].
XAVIER, F. J. R.; FREITAS, A. V. Educação Matemática e EJA na Zona Rural: diálogo entre as práticas de professoras e os saberes das estudantes que permanecem na escola. <i>Perspectivas da Educação Matemática</i> , v. 11, n. 27, p. 741-760, 2019.	a ATD pode ser compreendida como “um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinados fenômenos [...].
PAZINATO, V. L.; SOUZA, F. D.; REGIANI, A. M. A contextualização do ensino de química em artigos da revista Química Nova na Escola. <i>Scientia Naturalis</i> , v. 1, n. 2, p. 27-42, 2019.	ATD - Análise Textual Discursiva [...]... as relações existentes”; “Contextualizar requer estratégias metodológicas alternativas” e “A inserção de fatos e fenômenos [...].
FILGUEIRA, S. S.; ARRUDA, S. M.; PASSOS, M. M. Configurações de Aprendizagem e Saberes Docentes. <i>Educação & Realidade</i> , v. 44, n. 1, p. 1-22, 2019.	a Análise Textual Discursiva (ATD) é a [...] questões de pesquisa, pois permite uma compreensão ampla do fenômeno em questão [...]
MADRUGA, Z E. F.; COUTO, M. E. S. Percepções de estudantes de matemática sobre pesquisa. <i>REVISTA INTERSABERES</i> , v. 14, n. 31, p. 260-274, 2019.	[...] os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comporta [...] Para processamento dos dados, foi utilizada a Análise Textual Discursiva (ATD), com [...] a escrita descreve o fenômeno e a interpretação do pesquisador, emergindo o novo.

Fonte: Os autores, 2020.

Assumindo que o *fenômeno* está expresso no título dos artigos acadêmicos em questão, destacamos a diversidade com que se mostraram à investigação e a complexidade das temáticas envolvidas nas pesquisas no campo da formação de professores, no ensino e na aprendizagem. Percebe-se a vinculação das pesquisas a áreas de conhecimento das Ciências Naturais e isso encaminha para o quarto movimento ascendente da palavra em direção ao conceito oriundo da ciência e do conhecimento. Embora, como dito, os artigos do quadro estão em sua maioria vinculados a pesquisas nas áreas das Ciências Natureza os fenômenos investigados.

Para Bicudo (2011), *fenômeno* diz do que se mostra na intuição ou percepção. Não se trata de um fenômeno que pode ser objetificado por um sujeito observador. O *fenômeno* se mostra no ato da intuição de um sujeito atento que percebe o que é e/ou como se mostra. O *fenômeno* e o sujeito estão juntos no próprio ato de aparecer.

Fenômeno é o que se mostra para alguém que busca intencionalmente este que se mostra.

O fenômeno como o que se manifesta em seus modos de aparecer, olhando-o em sua totalidade de maneira direta, sem a intervenção de conceitos prévios que o definam e sem basear-se em um quadro teórico prévio que enquadre as explicações sobre o visto (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 16).

O *fenômeno* não se deixa enquadrar em categorias fechadas e estabelecidas de antemão. Ele se doa a um observador conforme o que lhe é possível perceber. Por isso, afirma Bicudo (2011), o *fenômeno* é sempre situado e se apresenta na experiência vivida. Para que o *fenômeno* situado se mostre, a descrição é movimento analítico que relata diretamente a experiência vivida.

A palavra “fenomenologia” significa “o estudo dos fenômenos”, onde a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem. Portanto, prestar atenção à experiência em vez de àquilo que é experienciado é prestar atenção aos fenômenos. (CERBONE, 2013, p. 13)

A descrição constitui importância significativa no desenvolvimento da pesquisa qualitativa. É uma de suas exigências a existência de um outro a quem a descrição seja dirigida que não conhece o objeto, o assunto, o *fenômeno* descrito (MARTINS, 1991). Contudo, a análise não finaliza em uma descrição de um *fenômeno* que se mostra. Ela exige interpretação por produção de unidades de significado que, por redução são aproximadas e outras unidades de significado que constituirão categorias abertas, núcleos de sentido que formam estruturas e redes a serem descritas (BICUDO, 2000; 2011).

Quando a intenção do pesquisador é mostrar estruturas, as categorias as sinalizam. Esta é a proposição de Giorgi (1979). No entanto, outras organizações são possíveis, como a que apresenta Kluth (1997), denominada de rede de significação. Diferente deste modo de pensar o fenômeno é o apresentado por Van Manen (2017) que se contrapõe às categorias, propondo a apresentação dos resultados em sínteses imaginativas, como exemplos característicos do *fenômeno*.

Não se poderia terminar o movimento ascendente sem buscar entender como Heidegger conceitua fenômeno, pois embora Husserl o considerava parceiro na fundamentação da Fenomenologia como a tinha proposto, o discípulo de Husserl acaba por distanciar-se dela e de seu autor. A partir de uma densa descrição da

palavra que significa fenômeno em grego, o autor conclui que as duas significações fenômeno como aquilo que se mostra e fenômeno como aquilo que aparenta estão unidas no sentido do primeiro sentido fundamentar o segundo. Escreve-nos Heidegger (2015, p. 66) que “A expressão ‘fenomenologia’ significa, antes de tudo, um conceito de método. Não caracteriza a quiddidade real dos objetos da investigação filosófica, o quê dos objetos, mas o seu modo, o como dos objetos”. O termo quiddidade é sinônimo de essência, ou seja, Heidegger se afasta da ideia husserliana de que na fenomenologia se busca pelas essências das coisas, o seu “o quê”. Ao invés disso, busca o “como” dos objetos.

Heidegger (2015) pormenoriza sua compreensão, diferenciando *fenômeno* de *manifestação* (*Erscheinung*).

Fenômeno, mostrar-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro. *Manifestação*, ao contrário, indica no próprio ente uma remissão referencial, de tal maneira que o referente (o que anuncia) só pode satisfazer a sua possível função de referência se for um fenômeno, ou seja, caso se mostre em si mesmo. Manifestação e aparência se fundam de maneira diferente, no fenômeno. Essa multiplicidade confusa dos “fenômenos” que se apresenta nas palavras fenômeno, aparência, aparecer, parecer, manifestação, mera manifestação, só pode deixar de nos confundir quase se tiver compreendido, desde o princípio, o conceito de fenômeno: o que se mostra em si mesmo. (HEIDEGGER, 2015, p. 70)

As possibilidades de organização sob influência de diferentes fenomenologias estão abertas à apropriação de pesquisadores conforme necessidade analítica e limite compreensivo de quem analisa. A ATD se constitui como um outro modo de organização vinculado à fenomenologia.

Consideramos ter apresentado um movimento ascendente da palavra ao conceito, movimento este, sempre inacabado e que pode ser ampliado. O percurso ascendente, entretanto, fortaleceu a indagação de por que o conceito não se apresentar na obra analisada. Não definir o *fenômeno*, no entanto, aponta para a compreensão de que este só se mostra na pesquisa a um pesquisador que, intencionalmente, coloca-se em posição de perceber; não a partir de suas teorias e compreensões, mas deixando-se derrubar pelo que o *fenômeno* tem a lhe ensinar.

4 CONCLUSÃO



Na articulação dos dois movimentos analíticos, descendente e ascendente, a intenção foi compreender como se mostra o *fenômeno* na ATD. Entendemos ter mostrado que este texto é resultado de pesquisa fenomenológica-hermenêutica, pela qual o *fenômeno* se mostrou, atentando que, pelo exercício analítico com ATD, os movimentos descendente e ascendente são duas das múltiplas faces de como se mostra o fenômeno.

Compreendemos, também, a partir da análise que, na ATD, a intuição, a desorganização, a nova organização auto-organizada, que leva a novas compreensões, são mediadas pelo escrever em um movimento entre perspectivas fenomenológicas e hermenêuticas que permitem a fusão de seus horizontes para se chegar à expressão escrita do compreendido.

Ao considerarmos os procedimentos analíticos propostos de produção de unidades de significado e aproximação por sentidos com elaboração de categorias abertas, temos na ATD uma proposição de compreensão para possíveis estruturas do *fenômeno*. Considerando isso, este texto traz – ao agregar a ATD o movimento hermenêutico descendente e ascendente proposto por Gadamer (2000) – uma intenção explícita de busca pela compreensão e interpretação do *fenômeno* a partir da descrição fenomenológica, intensificando seu caráter fenomenológico e hermenêutico.

MARIA DO CARMO GALIAZZI

Professora Titular aposentada na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), licenciada em Ciências - Química pela FURG, bacharel em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora voluntária no Programa de Pós-graduação de Educação em Ciências na FURG.

ROBSON SIMPLICIO DE SOUSA

Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Mestre em Química pela mesma universidade e Licenciado em Química pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Educação Matemática e Tecnologias Educativas (PPGECEMTE) na UFPR.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6. ed. 4. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

ARIZA, L. G. A. et al. Relaciones entre el Análisis Textual Discursivo y el software Atlas.Ti en Interacciones Dialógicas. *Campo Abierto. Revista de Educación*, Badajoz, v. 34, n. 2, p. 105-124, dez. 2015.

BICUDO, M. A. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.

BICUDO, M. A. *Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011.

CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. Trad. Caesar Souza. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

GADAMER, H.-G. Da palavra ao conceito. In: ALMEIDA, L. S.; FLICKINGER, H.-G.; ROHDEN, L. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 13-26

GALIAZZI, M. C.; SOUSA, R. S. A dialética na categorização da análise textual discursiva: o movimento recursivo entre palavra e conceito. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 1-22, abr. 2019.

GILES, T. R. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EDUSP, 1975.

GIORGI, A. Phenomenology and experimental Psychology. In: GIORGI, A. et al. (Org.) *Duquesne Studies in Phenomenological Psychology*. Pittsburgh: Duquesne University Press, v. 3, 1979.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

KLUTH, V. E. A rede de significação: um pensar metodológico de pesquisa. In: BICUDO, M. A. *Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 75-98.

MARQUES, M. O. *Escrever é preciso*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. (Org.) *Metodologia da pesquisa educacional*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991. p. 48-58.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. *Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

MORAES, R. *A educação de professores de ciências: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores*. 1991. 398f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MORAES, R. No ponto final a clareza do ponto de interrogação inicial: a construção do objeto de uma pesquisa qualitativa. *Educação*, Porto Alegre, v. 25, n. 46, p. 231-248, 2002.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, Bauru v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise Textual Discursiva*. 3. ed. Revisada e Ampliada. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

PIVETTA, H. M. F.; ISAIA, S. M. A. Movimentos constructivos de un grupo de profesores reflexivos. *Rev. Port. de Educação*, Braga, v. 27, n. 1, p. 111-132, jun. 2014.

ROBAYO, A. D. R. P. A análise textual discursiva na investigação educativa. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 20, n. 2, p. 129-149, 2015.

ROHDEN, L. Filosofando com Gadamer e Platão. *Dissertatio*, v. 36, p. 105-135, 2012.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. Compreensões Acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva: Marcas Teórico-Metodológicas à Investigação. *Contexto & Educação*, Ijuí, v. 31, n. 100, p. 33-55, 2016.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. A Categoria na Análise Textual Discursiva: Sobre Método e Sistema em Direção à Abertura Interpretativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 9, p. 514-538, dez. 2017.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. O jogo da compreensão na análise textual discursiva em pesquisas na educação em ciências: revisitando quebra-cabeças e mosaicos. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 24, n. 3, p. 799-814, 2018.

VALENTINE, C. B.; SOARES, E. S.; RELA, E. Formação de professores do ensino superior: o desafio de repensar o fazer pedagógico no contexto das tecnologias e da modalidade semipresencial. *Educação Unisinos*, n. 12, n. 3, p. 196-204, 2008.

VAN MANEN, M. Phenomenology in Its Original Sense. *Qualitative Health Research*, v. 27, n. 6, p. 810-825, 2017.